

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE LETRAS
CURSO LETRAS PORTUGUÊS**

JESSICA MAYARA BERNARDO DA SILVA

**O DISCURSO DO GOVERNO BOLSONARO SOBRE A “ECONOMIA” E A
“PANDEMIA”: INTERPRETAÇÃO E IDEOLOGIA**

MACEIÓ/AL

2024

Jessica Mayara Bernardo da Silva

**O DISCURSO DO GOVERNO BOLSONARO SOBRE A “ECONOMIA” E A
“PANDEMIA”: INTERPRETAÇÃO E IDEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras Português da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Helson Flávio da Silva
Sobrinho.

MACEIÓ/AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586d Silva, Jessica Mayara Bernardo da.

O discurso do Governo Bolsonaro sobre a “economia” e a “pandemia” :
interpretação e ideologia / Jessica Mayara Bernardo da Silva. – 2024.
39 f. : il.

Orientador: Helson Flávio da Silva Sobrinho.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 38-39.

1. Brasil. Presidente (2019-2022 : Jair Bolsonaro). 2. Análise do discurso. 3.
Ideologia. 4. Pandemias. 5. Economia. 6. Capital (Economia). I. Título.

CDU: 81'42:94(81).089



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA ALUNA: JESSICA MAYARA BERNARDO DA SILVA
MATRÍCULA: 17110544
TÍTULO DO TCC: O DISCURSO DO GOVERNO BOLSONARO SOBRE A “ECONOMIA” E A “PANDEMIA”: INTERPRETAÇÃO E IDEOLOGIA

Ao(s) vinte e nove dia(s) do mês de janeiro do ano de 2024, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof. Orientador: Helson Flávio da Silva Sobrinho

1º Profa Examin./a: Lúcia de Fátima Santos

2º Profa Examin./a: Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires

que julgou o trabalho (X) APROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 9,5 (Nove e meio)

1º Prof./a Examin./a: 9,5 (Nove e meio)

2º Prof./a Examin./a: 9,5 (Nove e meio)

totalizando, assim a média 9,5 (Nove e meio), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que

será assinada pela Comissão.

Maceió, 29 de janeiro de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br HELSON FLAVIO DA SILVA SOBRINHO
Data: 30/01/2024 09:55:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIA DE FATIMA SANTOS
Data: 30/01/2024 10:24:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br LIDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES
Data: 30/01/2024 17:48:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VISTO DA COORDENAÇÃO



inclusão
expansão
inovação

Universidade Federal de Alagoas - Ufal
Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970
Coordenação da Faculdade de Letras – Fale Sítio: www.fale.ufal.br E-mail: coordlet@ufal.br
Fone (82) 3214-1333

Vimos um (des)governo contra a vacinação de
“seu” próprio povo, um (des)governo que
zombava das mortes...

Dedico este trabalho
aos que resistiram a morte
e, também,
aos que resistem a morte da morte

AGRADECIMENTOS

O “trabalho” de escrita, reflexão e pesquisa pode parecer, num primeiro momento, uma prática “solitária”. Mas eu acredito no processo. E o processo nunca é solitário para mim, mas solidário. Ele é uma síntese de múltiplas determinações, cooperações, críticas e vivências. Por isso, eu inicio estes “agradecimentos” para todas as pessoas que contribuíram para este processo.

Agradeço ao meu pai, por me permitir estudar enquanto ele trabalhava duramente nas estradas de Alagoas em seu ofício de caminhoneiro. Agradeço a minha mãe, que desde o início cuidou de mim e dos meus irmãos em todos os sentidos, sem esse apoio não seria possível, pois estudar requer tempo livre e sem querer romantizar, mas o trabalho doméstico, muitas vezes invisibilizado, recai majoritariamente sobre as mulheres, enquanto aos homens recaem o trabalho “fora de casa”. Meus “pais” construíram as condições objetivas para que eu pudesse ter o mínimo de tempo livre. Obrigada, não é o ideal de relação que eu almejo para este mundo, mas agradeço o apoio e dedicação.

Agradeço ao meu companheiro, Anderson Lima, que nos momentos mais difíceis na escrita deste trabalho, me ajudou e me apoiou de diversas maneiras, inclusive nas orientações bibliográficas, nas leituras que fez deste trabalho ainda em construção e das críticas que me fez. Agradeço também a minha amiga querida, Alice, por todas as críticas sinceras que fez ao meu fazer acadêmico nesses anos, sei que ainda há muito o que avançar.

Em meu percurso acadêmico, durante a graduação, são muitos os agradecimentos: Agradeço aos professores e professoras da Faculdade de Letras pela minha formação, todes fazem parte disto, mas destaco alguns da área de Linguística, em especial a professora Lúcia de Fátima, Núbia Rabelo, Luiz Fernando e Andrea Pereira, pelos “puxões” de orelha mais sinceros; agradeço também ao professor Alan Jardel, pela primeira oportunidade de pesquisa que me deu na área de linguística, especificamente a Sociolinguística.

Agradeço, em especial, ao meu atual e contínuo professor orientador, Helson Sobrinho, pela oportunidade que me proporcionou para que eu estudasse em Análise do Discurso, a linha teórica que eu escolhi antes de mesmo de me matricular no curso de Letras Português. Agradeço a paciência que teve comigo diante das minhas dificuldades objetivas para conclusão deste trabalho. Agradeço pelas orientações durante as pesquisas nos projetos de Iniciação Científica, a cada correção, apontamento e apoio, apoio que se estendeu também para nossa permanência na pesquisa, inclusive com bolsa, pois pesquisar também requer condições objetivas para que se realize, obrigada, professor!

Agradeço ao grupo de pesquisa Gedon (Grupo de Estudo e Pesquisa em Discurso e Ontologia) pela oportunidade do fazer científico e do me [re]fazer pesquisadora em constante construção.

E por fim, agradeço a Universidade Pública pelas experiências que vivi, dentro e fora da sala de aula, em especial ao Movimento Estudantil da UFAL em suas diversas dimensões e frentes; e ao Coletivo União das Letras, do qual participei e construí durante grande parte da minha graduação no curso de Letras. Movimentos estes que me ensinaram que é possível mudar o mundo e que “amar e mudar as coisas [nos] interessa mais”.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisou o funcionamento do discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro, seus gestos de interpretação e a produção de sentidos de como os dizeres sobre a economia e a pandemia do novo coronavírus se articularam em contradição aos interesses dos trabalhadores(as), a fim de compreender as posições ideológicas colocadas em jogo no processo discursivo. Nosso aporte teórico está fundamentado numa perspectiva crítica da linguagem, a Análise do Discurso de Michel Pêcheux e Eni Orlandi que entende o discurso como trabalho simbólico atravessado pela história e pela ideologia; no materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, e sua concepção materialista da história e ideologia; em Lukács, sobre a função social da ideologia. O corpus foi constituído a partir de matérias publicadas nas mídias da CNN Brasil, Folha de São Paulo, UOL e G1, que (re)produziram falas do presidente à época, Jair Bolsonaro, recortadas entre os anos de 2020-2021. Foram selecionadas seis Sequências Discursivas Representativas, separadas em dois blocos de análises, que demonstraram o caminho dos sentidos, desvelando a posição sujeito ideológica do discurso. Como resultado, percebemos os seus mecanismos discursivos metaforizados que conformaram e deslizaram o sentido para uma posição discursiva ideologicamente dominante de direita, e seu caráter pragmático em defesa das demandas do capital, criando efeitos de verdade e de convencimento sobre a negação da pandemia e em “defesa” da economia burguesa a partir de “recortes” da realidade dos trabalhadores.

Palavras-chave: Discurso; Ideologia; Pandemia; Economia; Capital.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis will analyze the functioning of former president Jair Bolsonaro's discourse, his gestures of interpretation and the production of meanings of how statements about the economy and the new coronavirus pandemic are articulated in contradiction to the interests of workers, in order to understand the ideological positions placed on the agenda in the discursive process. Our theoretical framework is based on a critical perspective of language, the Discourse Analysis of Michel Pêcheux and Eni Orlandi, who understand discourse as symbolic work crossed by history and ideology; the historical-dialectical materialism of Marx and Engels, and their conceptions of historical materialism and ideology; and Lukács, on the social function of ideology. The corpus was made up of articles published on CNN Brasil, Folha de São Paulo, UOL and G1, which (re)produced speeches by the president at the time, Jair Bolsonaro, from the years 2020-2021. Six Representative Discursive Sequences were selected, separated into two blocks of analysis, which showed the path of the meanings, revealing the ideological position of the subject of the discourse. As a result, we noticed its metaphorical discursive mechanisms that conformed and slid the meaning towards an ideologically dominant right-wing discursive position, and its pragmatic character in defense of the demands of capital, creating effects of truth and conviction about the denial of the pandemic, in "defense" of the bourgeois economy based on "clippings" of the workers' reality.

Keywords: Discourse; Ideology; Pandemic; Economy; Capital.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 UM PERCURSO ATÉ A ANÁLISE DO DISCURSO	10
1.2 CATEGORIAS E CONCEITOS: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, INTERDISCURSO, INTRADISCURSO, FORMAÇÃO DISCURSIVA, FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E O SILÊNCIO.....	15
1.3 A QUESTÃO DA “IDEOLOGIA” E SUA RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA	18
1.4 O MATERIALISMO HISTÓRICO DE MARX E ENGELS.....	24
2. METODOLOGIA.....	26
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS	38

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de reflexões e perguntas durante as pesquisas realizadas no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), produzidas juntamente ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Discurso e Ontologia (GEDON), em especial os trabalhos intitulados “O discurso sobre a Crise Econômica e Crise Pandêmica” realizados nos PIBICs dos ciclos 2020-2021 e 2021-2022 no curso de Letras Português, orientados pelo professor Dr. Helson Sobrinho, que analisaram materialidades articulando dizeres sobre a crise econômica e pandemia na revista *Editorial Exame* e *Jornal Folha de São Paulo*, respectivamente.

Fundamentados na Análise do Discurso materialista, os trabalhos mencionados buscaram compreender o funcionamento do discurso sobre a “crise econômica” e “crise pandêmica” em um contexto político e econômico neoliberal e as determinações históricas que constituíram o funcionamento do discurso. Discurso este que articulou a crise econômica e a crise pandêmica do novo coronavírus no Brasil a partir de enunciados veiculados nos periódicos supracitados entre os anos de 2020 e 2022.

Dando continuidade às análises sobre o discurso da “crise econômica/economia e pandemia”, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo ampliar o estudo sobre o discurso de “crise econômica/economia e pandemia” nos discursos oficiais do ex-presidente Jair Bolsonaro no período de 2020 a 2021, coletadas nos jornais *CNN Brasil*, *a Folha de São Paulo*, *UOL*, e *G.1*, aprofundando a questão da ideologia que se fez presente no discurso do ex-presidente na “condução” da pandemia no Brasil.

Os discursos enunciados pelo ex-presidente se situaram numa conjuntura sócio-histórica de crise do capitalismo e pela “chegada” da pandemia da Covid-19 iniciada na cidade de Wuhan, na China¹ em 2019, mas que de forma “desigual e combinado” tomou conta do mundo, colocando em evidência a crise do capital, que por sua vez, ainda não havia “superado” os abalos econômicos desde a crise de 2008 (Marques *et al.*, 2021, p. 9).

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) oficialmente declarou pandemia mundial (Marques *et al.*, 2021, p.10), e discursos sobre a necessidade de medidas de restrições (isolamento social, uso de máscaras e *lockdown*), para evitar a expansão e contaminação da população, se intensificaram e circularam em esferas governamentais e

¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/rfi/2021/11/19/covid-1-caso-em-wuhan-foi-de-vendedora-de-mercado-de-animais-diz-estudo.htm>. Acesso em: 12/01/2024.

mediáticas, demonstrando preocupação com a “saúde” da população, mas relacionadas contraditoriamente as “preocupações” com a economia capitalista.²

Com o avanço da “epidemia” viral na China para o mundo, o nível de atividade econômica despencou, “[...] provocando desemprego e queda na renda dos trabalhadores” (Marques *et al.*, 2021). Os indicadores não eram um dos melhores: para os “economistas” o momento era de recessão (*idem*) e para a classe trabalhadora, o horizonte era de intensificação dos problemas sociais. Como nos elucida Antunes:

Além dos altíssimos índices globais de mortalidade, ampliam-se enormemente o empobrecimento e a miserabilidade na totalidade da classe trabalhadora. Em parcelas enormes desse contingente, como nos desempregados e informais, a situação torna-se verdadeiramente desesperadora, com o Brasil se destacando como um dos campeões da tragédia. (Antunes, 2022, p. 15).

Além das dificuldades sociais, o Brasil enfrentou uma “crise” política em relação à condução da “pandemia” pelo Governo Federal. As declarações do presidente, à época Jair Messias Bolsonaro, iam na contramão às recomendações oficiais sobre as medidas de prevenção e combate à Covid-19 adotadas na maioria dos países. Discursos contra o isolamento social, o uso de máscara e até minimização das proporções do surto viral - chamando-o de “gripezinha”³ em declaração oficial em uma coletiva sobre o enfrentamento da pandemia -, foram amplamente (re)produzidas pela grande mídia, incluindo veículos como *Folha de São Paulo*, *Revista Exame*, *Jornal Nacional*, *CNN Brasil*, *G1*, *BBC Brasil*, além das mídias oficiais do Governo Federal, como *Agência Brasil* e *TV Brasil*, que transmitiam os pronunciamentos oficiais do Governo.

Os discursos de Bolsonaro argumentaram por diversas vezes que o isolamento social, paralisação das atividades laborais, fechamento de escolas e comércio seriam, em tese, mais prejudiciais à população do que o “vírus”, pois gerariam uma “crise de desemprego”, fome e recessão econômica. A argumentação do ex-presidente parecia “soar realista” e seu discurso pragmático se apresentava em contradição à “crise sanitária” no país.

O que não se mencionava era que o desemprego, a fome, a vulnerabilidade que se

² Um bom exemplo dessa articulação contraditória pode ser analisado nos dizeres de “crise econômica” e “pandemia” materializados nos jornais como a revista *Exame*, *Jornal Folha de São Paulo*, por exemplo. Em nosso último trabalho de Iniciação Científica, as materialidades por nós analisadas nos levaram à estas conclusões. No presente momento, o trabalho se encontra no prelo para divulgação nos Anais do Congresso Acadêmico da Universidade Federal de Alagoas e em breve poderão ser consultados.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=352RoCLly1Q>. Acesso em 12/01/2024.

avistava para a população mais pobre do país não seria uma novidade, nem muito menos culpa do “vírus” em sentido restrito, mas uma intensificação dos problemas sociais e das contradições do capitalismo vivenciadas cotidianamente pela classe trabalhadora. Como nos esclarece Antunes (2022):

Ao fim de 2019, ainda antes da pandemia, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na *informalidade*. No mesmo período, uma massa de mais de cinco milhões de trabalhadores e trabalhadoras experimentava as condições de uberização do trabalho em aplicativos e plataformas digitais [...] sem falar da enormidade do desemprego e da crescente massa subutilizada, terceirizada, intermitente e precarizada em praticamente todos os espaços de trabalho (Antunes, 2022, p. 15-16, grifo nosso).

Assim, a situação da classe trabalhadora na pandemia estampou uma contradição:

[...] era preciso que houvesse isolamento social e quarentena para evitar o contágio pelo coronavírus. Sem isso, a classe trabalhadora seria cada vez mais contaminada, adoecendo e perecendo em maior quantidade. Mas como ficar em isolamento social *o(a)s desempregado(a)s, o(a)s informais, o(a)s trabalhadore(a)s intermitentes, o(a)s uberizado(a)s, o(a)s subutilizado(a)s, o(a)s terceirizado(a)s*, isto é, aqueles e aquelas que não tem direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho? E quanto ao pequeno [“comerciante”] [...] que em meio à pandemia não tem a que vender (pois não há consumidores), nem renda, nem previdência, nem convênio de saúde? Como será possível driblar o trabalho dito *flexível, digital, ‘moderno’*, que tenderá a se intensificar enormemente se o *capital pandêmico* continuar a comandar o mundo segundo seus interesses? (Antunes, 2022, p. 22-23, grifos do autor).

Nas análises a serem apresentadas neste Trabalho de Conclusão de Curso, evidenciamos que o discurso de Bolsonaro demonstrou, a partir de recortes de “fatos” também “reais”, uma defesa da economia capitalista em detrimento da população trabalhadora, mas que tentou “silenciar” as contradições inerentes ao modo de produção de capitalista, dizendo o aparentemente “óbvio” para não dizer o mais difícil: parar as atividades laborais e proteger o povo brasileiro da morte. **Ressignificando**, assim, o sentido de **pandemia** e as **soluções** para a crise sanitária que o país vivenciou.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Um percurso até a Análise do Discurso

A perspectiva teórica da qual nos filiamos faz um contraponto às diversas correntes da Linguística moderna que deixaram em suspenso a questão da significação (Orlandi, 2007a). E por eleger o discurso, e não as dicotomias língua/fala ou competência/performance, é que a Análise de Discurso faz uma ruptura no campo epistemológico.

A Linguística, enquanto ciência moderna, inaugurada por Ferdinand de Saussure a partir da publicação, por seus alunos, da obra *Curso de Linguística Geral*, desenvolveu um estudo sobre a língua enquanto sistema que

[...] deu à linguagem uma ciência autônoma, independente. [...] Esta ciência, que ele constituiu, tem quatro disciplinas que correspondem a quatro diferentes níveis de análise: *a fonologia* (estudo das unidades sonoras); *a sintaxe* (estudo da estrutura das frases), *a morfologia* (estudo da forma das palavras) que juntas constituem a gramática; e *a semântica* (estudo dos significados). (Orlandi, 2007a, p.22, grifos nossos).

Para delimitar o seu objeto, Saussure elege uma concepção de língua enquanto sistema de signos (Saussure, 2012, p. 41), ou seja, unidades que estão organizadas formando um todo. E o objeto da Linguística deveria ser a *língua*, um sistema formado por unidades abstratas e convencionais (idem, p. 41-45).

Assim, emergem as dicotomias saussurianas, como diacronia/sincronia e língua/fala. No entanto, a fala, que é a concretização da língua pelo falante, é “deixada” de lado devido, segundo Saussure (2012), à sua natureza multiforme e heteróclita, que “[...] não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois, não se sabe[ria] como inferir sua unidade” (Saussure, 2012, p.41).

Essa noção de sistema de signos é ainda mais aprofundada por seus sucessores, que a denominaram de estrutura, dando origem ao estruturalismo linguístico e a seu método estrutural. Não apenas a relação entre os "signos" foi aprofundada por essa corrente teórica, mas também se estendeu para a noção de função e comportamento, representadas respectivamente pelo funcionalismo e pelo distribucionalismo.

O problema maior para o estruturalismo é quando as análises recaem sobre o nível da significação. Orlandi (2007a) nos explica que eles encontram várias dificuldades, e por mais que sofisticassem seus instrumentos de descrição e passassem a levar em consideração

diferentes tipos de relações, essas formas não acrescentaram muito à análise do significado:

[...] quando se trata de encontrar traços para distinguir significados (aspectos semânticos) ou formas e construções (aspectos gramaticais), os estruturalistas esbarram em sérias dificuldades: qual é o traço que distinguiria, por exemplo, no nível semântico, ‘amor’ de ‘afeição’ ou, no nível morfológico, que traços distinguem ‘cantei’ de ‘cantava?’” (Orlandi, 2007a, p.26).

Posteriormente, desenvolvendo-se a partir da crítica à vocação classificatória dos distribucionalistas, Noam Chomsky avança para aprofundar a ideia de uma *linguística universal*, desvinculada dos dados e dando lugar significativo à teoria. Surge, assim, o modelo Gerativista (transformacional) e sua noção de *falante ideal* e competência.

A teoria gerativa instala o *método dedutivo*, inspirada no racionalismo e na tradição lógica, partindo do que é abstrato, ou seja, de um axioma e um sistema de regras, até chegar ao concreto, que são as frases que existem na língua (Orlandi, 2007a, p. 39).

Com essas proposições, Chomsky estabelece uma distinção entre competência e performance/desempenho, atribuindo ao linguista a tarefa de descrever a competência do falante. Em outras palavras, como afirma Orlandi (2007a, p. 39), “[...] não interessa a performance, ou seja, o desempenho de falantes específicos em seus usos concretos, mas sim a capacidade que todo falante (ouvinte) ideal possui”.

Partindo dessa capacidade ele define língua como um conjunto infinito de frases — tanto as frases existentes, quanto às possíveis —, sendo essa *capacidade intrínseca* à espécie humana, ou seja, o ser humano já nasce com ela. Chomsky chamará essa capacidade intrínseca de *faculdade da linguagem*.

A faculdade da linguagem pode perfeitamente ser considerada um ‘órgão da linguagem’, no sentido em que os cientistas falam do sistema visual, do sistema imunológico ou do sistema circulatório como órgãos do corpo. Entendido dessa maneira, um órgão não é algo que possa ser removido do corpo, deixando o resto intacto. Trata-se de um subsistema de uma estrutura mais complexa. Desejamos compreender a total complexidade, investigando as partes que têm características distintas e a interação entre elas. O estudo da faculdade da linguagem caminha nessa direção. (Chomsky, 2005, p. 31)

A questão é que, até este ponto, as tendências mencionadas se constituem ainda no campo da linguagem imanente formalista e certos fatos relevantes para o estudo da linguagem ficaram secundarizados. Os recortes elaborados por Saussure e Chomsky deixam de fora a “situação” real do uso da linguagem, seus falantes reais, seus usos e implicações concretas.

Na conjuntura do século XX, essas teorias predominantes coexistiram com

outros debates e reflexões em torno da linguagem que começaram a ganhar terreno e colocaram na ordem do dia a necessidade de estudar o que, historicamente, a Linguística vinha deixando “de lado”: a heterogeneidade e a diversidade da linguagem, buscando um meio de sistematizar seus usos concretos e pondo em cena o falante real e o sujeito, dando ênfase às noções de dados, de contextos das situações, de sociedades e de história (Orlandi, 2007a).

Podemos citar algumas tendências, como a sociolinguística variacionista de William Labov, que aproveita as análises linguísticas (fonológicas, sintáticas, morfológicas) já consolidadas pelo estruturalismo e pelo gerativismo e estabelece uma correlação com os fatores sociais. A maior contribuição dessa perspectiva foi na fonética/fonologia e na sistematização do *uso concreto* da linguagem pelo *falante real*. Contudo, por manter um distanciamento entre o que é linguístico e o que é social, em sentido de constituir a própria linguagem e não apenas de ser um correlato, não cria um rompimento direto com as tendências teóricas estruturalistas e gerativistas.

Outra linha teórica importante para ampliar o estudo da linguagem no campo da significação foi a pragmática e suas tendências. Em linhas gerais, essas tendências se diferem na forma de se pensar o “usuário”. A pragmática leva em consideração tanto a relação linguagem/pensamento quanto a relação linguagem/sociedade. A primeira vertente concebe o usuário numa perspectiva lógica behaviorista e a segunda na relação de interlocução com o outro, respectivamente. Sendo esta última desenvolvida em três diferentes direções que deram origem aos estudos da Análise Conversacional, dos Atos de Linguagem e da *Teoria da Enunciação* — que desenvolve trabalhos no campo da *Semântica Argumentativa*.

É na Teoria da Enunciação que se juntam as concepções de linguagem como ação (Teoria dos Atos de Fala), ao mesmo tempo em que se coloca a noção de *diálogo* (Análise Conversacional) e de *argumentação* (Teoria da Enunciação) como fundamentais. O centro da reflexão da Semântica argumentativa é o sujeito da linguagem, o locutor e sua relação com o destinatário. Parte da diferenciação entre enunciado e enunciação, a primeira como o já realizado, a segunda se referindo a ação de produzir o enunciado.

É justamente o *processo de enunciação* que vai interessar a essa teoria, em geral, as suas marcas, ou, como o sujeito se marca naquilo que diz. Essas marcas “[...] mostram que há formas na língua que só podem ser definidas a partir de seu uso pelo sujeito. Esses estudos inauguram uma reflexão teórica explícita e sistemática a respeito da *subjetividade* na linguagem” (Orlandi, 2007a, p. 59, grifo da autora). Surgindo, assim, a categoria

“pessoa”, ou seja, o locutor, “[...] que no exercício da fala, se apropria das formas de que a linguagem dispõe se referindo a sua pessoa, [...] definindo-se a si mesmo (como *eu*) e a seu interlocutor (como *tu*)” (Orlandi, 2007a, p. 59, grifos da autora).

Se por um lado, as teorias supracitadas avançaram no estudo da linguagem para além da Linguística “formalista” — ampliando o campo de atuação desses estudos —, por outro, como nos elucida Orlandi (2007a), ainda carregam, em suas abordagens, perspectivas *positivistas* e *subjetivistas* que tanto atravessaram a história da Linguística. Se seus recortes deram conta de seus objetos, eles não contemplaram, por essência, todos os fatos da linguagem, sendo esta tarefa essencialmente impossível.

É na “esteira” das rupturas e de novas abordagens sobre a linguagem que surge a Análise de Discurso (AD) francesa, ou pecheutiana. Iniciada no final da década de 1960, na França, por Michel Pêcheux, a AD escolhe *o discurso* e não a língua como *objeto de estudo*. Para Pêcheux, o sentido “[...] não pertence à própria palavra, não é dado em sua relação com a ‘literalidade do significante’; ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo.” (Pêcheux, 2016, p. 147) e essas relações pressupõem o sujeito *historicamente determinado*⁴ e ideologicamente “orientado”.

Nesse contexto, Michel Pêcheux, ao introduzir na reflexão sobre o discurso categorias como a língua, o sujeito, a história, a ideologia e o inconsciente, o autor faz da AD uma teoria de entremeio (Orlandi, 2015) entre diferentes ciências, a saber: a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Esse entrelaçamento a caracteriza como uma prática de leitura do social, visto que, não há separação entre teoria, método e política, pois a AD é uma *prática* teórico-política, assim como não há separação entre o discurso — materialização da ideologia — e o movimento real da vida material que determina o que pode ou não ser dito em certas condições sócio-históricas.

Isso “significa” dizer que o sentido do discurso não existe em si mesmo, mas ao contrário, é constituído a partir das condições de produção e do sujeito do discurso, que por

⁴ O sujeito historicamente determinado não é concebido em “sentido” biológico para a Análise do Discurso, ou enquanto indivíduo isolado, mas em sentido de constituído historicamente e perpassado pelas múltiplas determinações e sínteses sociais e ideológicas que são fundadas em contradições nas formações sociais divididas em classes sociais. Essas mesmas contradições abrem a possibilidade de ruptura ou permanência. É uma tensão entre o passado, o presente e o futuro. Entre o que se constituiu, o que é, e o que se pode ser. Um movimento dialético e não linear, a própria contradição é elemento essencial para se entender o sujeito determinado socialmente. Não é uma relação direta, automática. Não se trata do indivíduo em si mesmo. Mas um sujeito que é ser social e que é sujeito do discurso, que pela ideologia pode tomar posições que não corresponde, por exemplo, a sua própria condição social. Não à toa, vemos alguns exemplos de pessoas negras, Lgbtqia+, trabalhadores (as), mulheres etc., que enunciam em outro lugar social, [re]produzindo posições da classe dominante, esse é o papel da ideologia no sujeito, esse é o papel da contradição. O sujeito é atravessado pela ideologia, e como tal, a ideologia é também produto social.

seu turno é determinado “[...] pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (Pêcheux, 2016, p. 146).

É nesse sentido, que a Análise do Discurso (AD) significou uma *ruptura* com as demais correntes e linhas teóricas mencionadas até agora e declara a necessidade de uma mudança de terreno para dar conta das questões de produção/significação da linguagem em seu movimento real, considerando como primordial a relação da linguagem com a exterioridade, entendendo a exterioridade como as *condições de produção* do discurso que pressupõe o sujeito (falante e ouvinte — que se difere completamente da concepção de sujeito da Teoria da Enunciação), o contexto da comunicação, o contexto histórico-social e a ideologia.

Por isso, a AD levanta um contraponto às perspectivas mais imanentes da linguística, como o estruturalismo e gerativismo, até as perspectivas mais sociais-culturais da sociolinguística e da pragmática, em particular realizando uma crítica ao caráter subjetivista da teoria da enunciação e sua centralidade na subjetividade/identidade do sujeito, ou seja, em seu caráter subjetivista/individualista.

Para a Análise do Discurso, inaugurada por Michel Pêcheux, o discurso não é simplesmente um transmissor de informação, mas, *efeito de sentido entre interlocutores*, ou seja, essa relação não resulta apenas da *intenção* de um “usuário” em informar o outro, mas são relações de sentido estabelecidas numa dada conjuntura sócio-histórica e ideológica. “[...] Para a análise do discurso, a linguagem é produzida pelo sujeito, em condições determinadas, e quem a analisa deve procurar mostrar o seu *processo de produção*.” (Orlandi, 2007a, p. 64, grifos nossos).

O interesse da Análise do Discurso é teorizar a interpretação, “isto é, colocar a interpretação em questão” (Orlandi, 2015, p. 23), trabalhar seus limites, seus mecanismo de significação através da teoria e de seu método para a construção de um dispositivo teórico e analítico que tem como característica “*colocar o dito em relação ao não dito*, o que o sujeito diz em uma lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (Orlandi, 2015, p. 57, grifos nossos).

1.2 Categorias e conceitos: Condições de Produção, Interdiscurso, Intradiscurso, Formação Discursiva, Formação Ideológica e o Silêncio

Para a construção do nosso dispositivo teórico e analítico mobilizaremos alguns conceitos e categorias em AD que nos darão base para compreender como funciona a interpretação, “procurando explicitar os processos de significação presentes no texto e [permitindo] que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (Orlandi, 2015, p. 24).

Sendo assim, compreendendo a linguagem em sua historicidade, — como parte de uma totalidade social de múltiplas determinações que por sua vez, é atravessada pelo ideológico, o sócio-histórico e o inconsciente — partimos das condições materiais para entender o movimento dos sentidos, denominadas de “condições de produção” em Análise do Discurso.

As *condições de produção* são uma categoria essencial “[...] de como os discursos se constituem, seus sentidos, sua atuação na realidade [...]” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 66). Podemos compreendê-la em dois sentidos: amplo e estrito. O primeiro corresponde às condições sócio-históricas e ideológicas. O segundo diz respeito às condições imediatas do discurso, ou seja, as circunstâncias da enunciação (Florêncio *et al.*, 2009, p. 67; Orlandi, 2015, p. 29).

Essas condições de produção são perpassadas pela história e pela memória discursiva, ou seja, o *interdiscurso*, como base do dizível. Nos termos de Orlandi (2015, p. 31), “a constituição [do discurso ao longo da história] determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)”, pois, “[...] para que as minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (Orlandi, 2015, p. 31). E são as condições imediatas conjunturais que possibilitam a (re)formulação do dizer.

Essa historicidade que constitui o discurso está articulada a base material que constitui os sujeitos, ou seja, são “produtos” sociais das formações sociais. A própria memória discursiva e o *intradiscurso* ([re]formulação do dizer) é fruto deste processo de síntese dialética pautados no mundo material e suas formas particulares da formação social, com elementos também universais, que produz os “[...] ecos ideológicos desse processo” (Marx; Engels, 2009, p. 31). E o que pode ou não ser dito é determinado “[...] a partir de

uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada” (Orlandi, 2015, p. 41) que, ao mesmo tempo, “aciona” a memória discursiva e as condições de produção imediatas do discurso para sua formulação na atualidade.

É nesse sentido que a Análise do Discurso compreende que o sentido não existe em si mesmo, mas é “determinado” “[...] pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (Pêcheux, 2016, p. 146), e aquilo que o sujeito diz “[...] se inscreve em uma *formação discursiva* e não outra para ter um sentido e não outro” (Orlandi, 2015, p. 41). Ou seja, as palavras mudam de sentido de acordo com a posição em que são colocados os sujeitos, “[...] elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (Orlandi, 2015, p. 40).

A *formação discursiva* é concebida por Pêcheux “[...] como provenientes de uma *formação ideológica* que lhe dá suporte, como lugar de articulação entre língua e discurso” (Florêncio *et al.* 2016, p. 75), assumindo um caráter plural “[...] com fronteiras tênues e instáveis, sempre passíveis de deslocamentos provocados por contradições ideológicas” (Florêncio *et al.*, 2016, p. 76). Por isso, nos esclarece Florêncio *et al.*, (2016) que:

Ainda que determinado por uma formação discursiva que determina o seu dizer, o sujeito enfrenta contradições ideológicas que se fazem presentes e desfazem a homogeneidade, expressando a divisão, própria de uma complexidade social, pelo compartilhamento de seu espaço discursivo com outros sujeitos. (Florêncio *et al.*, 2016, p. 78).

[...] O sujeito constituído historicamente, embora assim determinado, tem a possibilidade de contrariar tais determinações, justamente pelo processo de produção- transformação das relações de produção existentes, que apontam, na práxis discursiva, para o equívoco, para a negação da transparência do sentido (Florêncio *et al.*, 2016, p. 70).

Daí a importância das condições materiais de produção do discurso, dos sujeitos historicamente constituídos, dos ecos ideológicos desse processo que são pautados em contradições e da formação social que “determina” a *forma sujeito do discurso*. Assim podemos afirmar que a produção do discurso compreende o sujeito e a situação. E é esse sujeito do discurso que traz elementos “[...] que derivam da história, da sociedade e de suas contradições ideológicas” (Florêncio, 2007, p.38 *apud* Florêncio *et al.*, 2016, p. 69), pois,

Quando falamos de sujeito em relação com a história, estamos falando em sujeito ideológico, produtor de efeitos de sentido, pela relação com o simbólico. A ideologia constitui, então, o sujeito e os sentidos, em sua função de estabelecimento da relação necessária entre o linguístico e social. (Florêncio *et*

al., 2016, p. 70)

Desta forma, como nos diz Pêcheux (1975), citado por Orlandi (2015), “[...] não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” e conseqüentemente “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2015, p. 15).

É no discurso que as formações ideológicas se materializam e são essas formações ideológicas representações práticas dos sujeitos que, ao se materializarem “põem à mostra as posições em que os sujeitos se colocam/são colocados” (Florêncio *et al.*, 2016, p. 71) e, ao mesmo tempo, o sentido é produzido a partir de uma posição sujeito ideologicamente orientada que ao se dizer algo se deixa de dizer outros sentidos, ou em outros termos, “dizer e silenciar andam juntos” (Orlandi, 2007b, p 53).

Para se fazer sentido, é deixado outros sentidos de lado e assim o sujeito se inscreve em uma posição e não em outra e ao não se dizer “outra” posição, percebemos que o discurso é atravessado pelo silêncio, o silêncio é constitutivo dele.

Na AD entende-se o silêncio de duas formas. A primeira forma como *fundante*. E a segunda, que “deriva” da primeira, como *política do silêncio*. Essa compreensão nos remete ao “caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (Orlandi, 2007b, p. 12). Sendo assim, o silêncio como fundante não “significa” origem, mas que o “silêncio é garantia do movimento de sentidos” (Orlandi, 2007b, p. 23), é a “abertura” aos gestos de interpretação. Como nos elucidava Orlandi (2007b):

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição entre o ‘um’ e o ‘múltiplo’, o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia. Esse movimento, por sua vez, mostra o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto do sentido, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos [...] (Orlandi, 2007b, p. 17)

Assim, o dizer já é o não dizer de outros tantos múltiplos dizeres. É assim, por exemplo, que se inscrevem as formações discursivas e a posição sujeito ideológica. “E que dada a necessária relação do sentido com o imaginário, é também função da relação (necessária) entre língua e ideologia. O silêncio trabalha essa necessidade” (Orlandi, 2007b, p. 23).

1.3 A questão da “ideologia” e sua ressignificação discursiva

Existem poucos **conceitos** na história da ciência social moderna que sejam tão enigmáticos e **polissêmicos** como esse de ideologia. Ao longo dos últimos dois séculos ele se tornou objeto de uma acumulação incrível, até mesmo fabulosa, de ambiguidades, paradoxos, arbitrariedade, contrassensos e equívocos. (Löwy, 1987, p. 9-10 *apud* Konder, 2020, p. 17, grifos nossos).

O conceito de ideologia é, nos termos de Michel Löwy (1987), um conceito polissêmico, e, conseqüentemente, um “objeto” em discussão contínua. Sendo assim, não o trabalharemos de forma exaustiva, devido, justamente, à complexidade do tema. Diante dessa “floresta de papel”, nos limitaremos a compreensão deste assunto visando suas contribuições para a Análise do Discurso, que mesmo em seu “terreno” há um permanente tensionamento.

Para melhor elucidar a “questão”, iniciamos entendendo a ideologia em sentido restrito e discursivo. O primeiro “sentido” corresponde ao entendimento de ideologia que podem ser abordadas teoricamente numa perspectiva ontológica ou gnoseológica (Vaisman, 1989, p.17 *apud* Florêncio *et al.*, 2016, p. 34). O segundo compreende a noção de ideologia “[...] a partir da consideração da linguagem, [ressignificando]” (Orlandi, 2015, p. 43).

Em seu “sentido restrito”, para entendermos a relação objetividade e subjetividade do sujeito constituído histórico e socialmente, elegemos a concepção de Marx&Engels e Lukács sobre ideologia. E para a compreensão de uma perspectiva gnoseológica, elegemos o entendimento de Althusser devido às suas importantes contribuições para a Análise do Discurso desde o seu surgimento.

A partir de sua concepção materialista da história, Marx e Engels (2009) compreende a ideologia como uma percepção “invertida” da realidade, justamente por estarem “desligada[s] dos fatos e dos desenvolvimentos práticos que lhes são fundamentos” (Marx; Engels, 2009, p. 62).

Nesse caso a percepção é “invertida” porque se assenta numa forma particular de produção também contraditória, regida pelo capital, pela divisão social do trabalho e pelas classes sociais. Essa base material causa “distorções” na consciência. E, assim como os “[...] diversos produtos teóricos e formas da consciência” (Marx; Engels, 2009, p. 57-58) desses processos, a ideologia é “eco ideológico” (Marx; Engels, 2009, p. 31).

Ao recuperar a relação entre o processo real da vida, que por sua vez, desenvolvem produtos sociais, como os “ecos ideológicos desse processo” (Marx; Engels, 2009, p. 31),

é que “as ideias da classe dominante, são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante” (Marx; Engels, 2007, p. 47; 2009, p. 67, grifos dos autores).

Aprofundando a reflexão sobre a questão da ideologia, vemos na abordagem Lukácsiana um fundamento ontológico-prático (Florêncio *et al.*, 2016, p. 37). Lukács busca compreender a ideologia como *função social*, e não apenas como *concepção invertida*. Para o autor, o que faz de uma “ideação”⁵ uma ideologia é precisamente sua função social, que coloca em movimento o que o Lukács chamou de posição teleológica secundária, que se relaciona nesse complexo problemático (Lessa, 2016 p. 54). Nos elucidamos Lukács (2018) que

Antes de tudo: enquanto algum pensamento permanece mero produto de pensamento ou manifestação de pensamento de um indivíduo, podendo o pensamento ainda ser pleno-de-valor ou avesso-ao-valor, ele ainda não pode ser considerado ideologia. [...] Para isso é **necessária uma função social bem precisamente determinada** que Marx assim descreve para precisamente diferenciar os revolvimentos materiais das condições econômicas de produção [...] em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e levam até o fim” (Lukács, 2018, p. 397-398 – grifos nossos)

Ou, como nos esclarece Sergio Lessa (2016):

Em suma, o fenômeno da ideologia corresponde a uma necessidade social concreta: a cada momento as sociedades necessitam ordenar a práxis coletiva dentro de parâmetros compatíveis com a sua reprodução. Para tanto, *é preciso uma visão de mundo que confira cotidianamente sentido à ação de cada indivíduo*. E pelo fato de corresponder a essa necessidade, de cumprir essa função social que uma ideação se transforma em ideologia. Por isso, todas as formas de ideação, toda produção do espírito humano – mesmo a ciência - podem ser utilizados como ideologia em determinados momentos históricos (Lessa, 2016, p. 58, grifos nossos).

Em termos gerais, a ideologia “funciona” no interior das relações de produção,

⁵ Como esclarece Sérgio Lessa (2016, p. 53-55), em seu livro *Para compreender a ontologia de Lukács*: “Lukács denomina posições teleológicas primárias aquelas voltadas à transformação da natureza, no processo de troca orgânica entre os homens e o ser natural. O segundo tipo de posição teleológica, aquela voltada à persuasão de outros indivíduos para que ajam de uma determinada maneira, é denominada posição teleológica secundária. [...] o desenvolvimento do trabalho [entende-se trabalho como a relação do ser humano com a natureza, o fundamento] enquanto categoria fundante do ser social, dá origem a complexos sociais que são, concomitantemente, fundados pelo trabalho e dele distintos. Sem as posições teleológicas primárias, as secundárias não poderiam sequer existir. Sem a transformação do real por meio da objetivação de posições teleológicas, não teria qualquer sentido tentar convencer outros indivíduos para que exerçam uma dada ação sobre o existente. [...] A diferença qualitativa entre as posições teleológicas voltadas à transformação da natureza, e aquelas que buscam provocar determinados atos em outros indivíduos, está no fato de que as primeiras detonam uma cadeia causal, enquanto as secundárias colocam em movimento uma nova posição teleológica” (Lessa, 2016, p. 53-54). Em outros termos: “o ponto de partida de Lukács é o fato pelo qual, por mais primitiva que seja a sociabilidade, o trabalho impulsiona o indivíduo a desenvolver relações sociais e habilidades que estão para além do ato de trabalhar em si [...] analogamente, com o desenvolvimento do trabalho e da divisão social do trabalho, ganha em importância um novo tipo de posição teleológica (Lessa, 2016, p.53). [...] Ou seja, para Lukács, a ideologia é uma forma específica de respostas às demandas e aos dilemas colocados pelo desenvolvimento da sociabilidade” (Lessa, 2016, p. 55).

reprodução e criação da vida material que por sua vez, “[...] abrange as determinações de classe e os horizontes culturais dos integrantes de uma formação social” (Florêncio *et al.*, 2016, p.39).

De outro modo, Louis Althusser (1985) compreende a ideologia articulada, também, a uma concepção de Estado, sendo essa articulação não uma concepção do Estado em si; é de outra natureza relativamente autônoma, uma nova realidade: a ideologia (Althusser, 1985, p.23). É a partir da necessidade de assegurar as relações de produção que Althusser (1985) precisa o papel do Estado e de seus aparelhos ideológicos. O primeiro, **prevalece** pela repressão e o segundo, **prevalece** pela ideologia:

[...] o Aparelho repressivo de Estado «funciona pela violência», enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam «pela, ideologia». [...] o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia. (**Não há aparelho puramente repressivo**). [...] Da mesma maneira, mas inversamente, devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia) embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (**Não há aparelho puramente ideológico**). (Althusser, 1985, p. 46-47 – grifos nossos)

É dessa compreensão que Althusser (1985) elabora três teses principais sobre essa **nova realidade**. Primeiramente, distinguindo a ideologia em um duplo aspecto: a ideologia geral e as ideologias particulares ou regional (e de classes). A ideologia geral é considerada eterna, não por ser transcendente a toda a história temporal, mas por ser onipresente e trans-histórica, portanto, imutável em sua forma ao longo da história (Althusser, 1985, p. 74-75). Por outro lado, as ideologias particulares são vistas como históricas, uma vez que são determinadas em última instância pela luta de classes (Althusser, 1985, p. 74).

Portanto, ao tratar da ideologia Althusser formula duas teses para explicar seu funcionamento e sua estrutura e por fim, as consequências destas afirmações para a compreensão da **categoria sujeito**:

Tese I: A ideologia **representa a relação imaginária** dos indivíduos com as suas condições reais de existência. [...] na ideologia os homens se representam sob uma forma imaginária as suas condições de existência reais. [...] não são as condições de existência reais, o seu mundo real, que os homens se representam na ideologia, mas é a relação dos homens com estas condições de existência que lhes é representada na ideologia. É esta relação que está no centro de toda a representação ideológica, portanto imaginária, do mundo real. [...] é a natureza imaginária desta relação que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda a ideologia (Althusser, 1985, p. 77,78,81).

Tese II: A **ideologia tem uma existência material**. Retomamos esta tese: uma ideologia existe, sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material (Althusser, 1985, p. 84 – grifos nossos). [...] Esta ideologia

fala dos actos: nós falaremos de actos inseridos em práticas. E faremos notar que estas práticas são reguladas por rituais em que elas se inscrevem, no seio da existência material de um aparelho ideológico (Althusser, 1985, p.87 – grifos nossos).

Desta forma, ao formular que a ideologia é uma representação imaginária, e a natureza dessa relação é material, por se concretizar nos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), esse carácter material da ideologia prescreve práticas que são “[...] actos materiais de um **sujeito** agindo em consciência segundo a sua crença” (Althusser, 1985, p. 90). Assim, Althusser (1985) enuncia duas teses fundamentais: "1 - Só existe prática através e sob uma ideologia; 2 - Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos (Althusser, 1985, p.91)"

Nos deparamos, assim, com a última tese central na discussão proposta por Althusser, que se refere a noção de sujeito, pois, “só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos (Althusser, 1985, p. 93) e o funcionamento da ideologia existe numa dupla relação:

Dizemos: a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) «constituir» os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda a ideologia, pois que a ideologia não é mais que o seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência deste funcionamento (Althusser, 1985, p. 94).

Sendo assim, é a ideologia que constitui os sujeitos e os sujeitos constitui a ideologia, e essa reação acontece também em um duplo movimento: de reconhecimento ou desconhecimento, ou em outros termos, o sujeito se identifica ou não se identifica, e suas práticas são orientadas segundo essas relações, segundo a “escolha” dos indivíduos.

Sugerimos então que a ideologia «age» ou «funciona» de tal forma que «recruta» sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou «transforma» os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a *interpelação* (Althusser, 1985, p. 99)

É justamente pela interpelação que a ideologia contribui para a reprodução das relações sociais. Sendo as práticas dos sujeitos, interpelados ideologicamente, uma prática diária e cotidiana. É nesse sentido, que a ideologia, enquanto representação imaginária, possui uma natureza material concreta que se materializa nos AIE.

Do ponto de vista da linguagem, essas contribuições se somam e ressignificam a noção de ideologia a partir de uma definição discursiva (Orlandi, 2015, p. 43). A própria língua funciona ideologicamente (Orlandi, 2015, p.57). E é a partir desse entendimento de ideologia “[...] que o processo de constituição dos sujeitos [e por sua vez, materializadas no discurso], não ocorre da mesma forma, mas através de *diferentes formas* específicas de

ideologia” (Florêncio *et al.*, 2016, p.39, grifo nosso), denominadas de *Formações Ideológicas e Formações Discursivas* em Análise do Discurso (idem).

Podemos afirmar que o “sujeito” é, ao mesmo tempo, ser social — constituído socialmente — e sujeito do discurso, sendo também o discurso práxis social, pois se realiza na concretude histórica do mundo. E é a partir de uma definição discursiva de ideologia que o “sujeito do discurso” toma posição ao materializar a ideologia no discurso. É assim que percebemos as marcas ideológicas, ou nos termos de Pêcheux, citado por Florêncio *et al.* (2016, p, 53), uma subjetividade objetivada. Florêncio *et al.* (2016, p. 70) nos esclarece que,

Quando falamos de sujeito em relação com a história, estamos falando de sujeito ideológico, produtor de efeito de sentido, pela relação com o simbólico. A ideologia constitui, então, o sujeito e os sentidos, em sua função de estabelecimento da relação necessária entre o linguístico e o social.

As relações sociais e seus “ecos ideológicos”, tal como apresentamos brevemente no início deste tópico, se manifestam “[...] de forma especial no discurso, em seus efeitos de sentido sobre a realidade” (Florêncio *et al.*, 2016, p.66). É nesse sentido que o discurso é concebido pela Análise do Discurso como objeto simbólico, construído socialmente no interior da luta de classes e atravessado pela ideologia.

Em Análise do Discurso a noção de sujeito é, como dissemos, ao mesmo tempo, o sujeito enquanto ser social construído nas relações sociais e o sujeito do discurso que materializa a ideologia no discurso. Contudo, para a Análise do Discurso **o discurso não é ideologia**, entretanto, é verdadeiro dizer que “as **formações ideológicas** [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais **formações discursivas** interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (Pêcheux, Henry apud Maldidier, 2020, p. 91). “A ideologia faz parte, ou melhor, é condição para a constituição do **sujeito e dos sentidos**. E o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se reproduza o dizer” (Orlandi, 2015, p. 44)

É essa interpelação do indivíduo em sujeito em seu discurso que

se efetua pela identificação (do sujeito) à **formação discursiva** que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): esta identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, repousa sobre o fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, estão reinscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux *apud* Maldidier, 2017, p.59 – grifos nossos).

Portanto, o discurso passa a ser compreendido em Análise do Discurso como efeito de sentido entre interlocutores, situados em determinadas condições de produção, onde não

há sentido sem interpretação. Dessa forma, a questão da ideologia no discurso perpassa os **gestos de interpretação**. Como pontua Orlandi (2020) citando a partir de Pêcheux:

[...] a interpretação é um ‘gesto’, ou seja, é um ato no nível simbólico (Pêcheux, 1969) [...] O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história. Esta, finalmente, é uma característica importante da interpretação. Ela sempre se dá de algum lugar da história e da sociedade e tem uma direção [...] (Orlandi, 2020, p. 18).

Desta afirmação deriva questões importantes e implicações teóricas sobre a linguagem e o sentido, pois, é admitir, segundo Pêcheux, “que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido” (Orlandi, 2020, p. 21) e recebem seus sentidos na formação discursiva nas quais se inscrevem. Eni Orlandi (2020, p. 21) nos elucida que “a formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas. [...] O lugar do sentido é função da interpretação, espaço da ideologia”.

E ao significar o sujeito também se significa, “o gesto de interpretação é o que decide a direção dos sentidos” (Orlandi, 2020). Ou seja, a tomada de posição do sujeito ao significar/interpretar, é o que determina sua posição ideológica. A direção do sentido é uma tomada de posição dentro da formação discursiva, por sua vez ideológica, que o sujeito do discurso se inscreve.

Por isso, se os elementos significantes já estão lá, estão lá pela historicidade (pelo interdiscurso), mas não como sentidos que existem em si mesmo, eles dependem necessariamente desse movimento duplo mediado pela ideologia: o de constituição dos sujeitos e do sentido. Assim, nos afirma Orlandi (2020, p. 28) que, “do ponto de vista discursivo, sujeito e sentido não podem ser tratados como já existentes em si, com ao priori, pois é pelo efeito ideológico elementar que funciona, como se eles estivessem sempre lá.”

Em suma, podemos dizer que em Análise do Discurso, o salto de qualidade para compreensão do funcionamento da ideologia no discurso é compreendido nessa dupla relação de constituição do sentido e do sujeito pela ideologia. E essa constituição é atravessado pela história, pelo interdiscursivo, pelas condições de produção amplas e imediatas, que caracteriza um determinado sujeito numa dada formação social.

1.4 O materialismo histórico de Marx e Engels

A Análise do Discurso tem como horizonte compreender como o objeto simbólico produz sentidos, isto é, como está funcionando a interpretação, relacionando-o com o social, o histórico e a ideologia e explicitando os processos de significação do que se comunica e do que não se comunica. Para tal, nosso dispositivo teórico é fundamentado nessa relação de entremeio com o materialismo histórico-dialético proposto por Marx e Engels, entendendo a história como processo de relação social no mundo, sendo ele ontologicamente fundante para compreensão dos processos discursivos.

É a partir de Marx que pensaremos a formação social que vivemos — o modo de produção capitalista — e a forma sujeito das práticas discursivas em jogo. Lembremos que não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia e sendo o discurso, também, práxis social, é no mundo social que ele se realiza.

Em sua *Crítica à Economia Política*, Marx (2008) elabora elementos fundamentais de análise da realidade partindo da produção material da vida como fundamento do ser social e aprofunda a sua crítica ao especificar diferenças fundamentais entre o que é “universal” e o que é “particular”, ou de como essa produção é determinada socialmente. Para Marx, não é possível explicar o movimento do real, sem que se leve em consideração justamente o “histórico real da produção” (Marx, 2008, p. 244).

Isso porque, ao generalizar todos os graus da produção, isso levaria a um raciocínio abstrato, naturalista das condições humanas, como se todas as formas sociais fossem iguais, como se as classes sociais fossem “naturais” e inerentes aos seres humanos. Marx vai pontuar que a “produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, [...] Esse caráter geral, entretanto, está organizado de uma maneira complexa e diverge em diversas determinações” (Marx, 2008, p. 240).

É nessa perspectiva a-histórica que Marx e Engels também se contrapõem n’A Ideologia Alemã, ao criticarem uma visão idealista do real e da história que não considera, justamente, a produção determinada socialmente. E nos elucidam uma concepção materialista da história que se “[...] assenta, portanto, no desenvolvimento do processo real da produção, partindo logo da produção material da vida [...] explicando a partir dela o conjunto dos diversos produtos teóricos e formas da consciência” (Marx; Engels, 2009, p. 57-58). São essas “formas” particulares da produção, com elementos também universais,

que são socialmente determinadas e que se assentam as relações sociais dialeticamente.

Para os autores, a forma social que vivemos é regida pelo capital, pela divisão social do trabalho, que por sua vez, produz uma cisão contraditória entre os sujeitos divididos em classes sociais: os que detém os meios de produção e os que “vendem” sua força de trabalho. É a partir da divisão social do trabalho em classes antagônicas que acontece a separação também no nível da consciência, sendo ela mesma também produto social, que estilhaça a nossa percepção do real, como “concepção invertida”, justamente por estarem “desligada[s] dos fatos e dos desenvolvimentos práticos que lhes são fundamentos” (Marx; Engels, 2009, p. 62).

O que os pensadores aprofundam com a sua concepção materialista da história, ao recuperar a relação entre o processo real da vida, que, por sua vez, desenvolvem produtos sociais, como os “ecos ideológicos desse processo” (Marx; Engels, 2009, p. 31), é que “as ideias da classe dominante, são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (Marx; Engels, 2007, p. 47; 2009, p. 67- grifos dos autores). E nos situando numa sociedade capitalista, pautada na exploração do trabalho alheio e na divisão da sociedade em classes sociais, as ideias dominantes serão a da classe exploradora.

2. METODOLOGIA

O método na Análise do Discurso tem como pressuposto fundamental a relação da língua com a história e do sujeito com a ideologia. Essa especificidade é própria da AD, como afirma Orlandi (2011, p. 13): “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Sendo assim, a AD relaciona teoria e metodologia uma como correlata da outra. Nesses termos, nossa pesquisa se situa numa metodologia própria da AD, pois depende, necessariamente, do movimento do discurso em sua historicidade.

Isso significa “[...] que o analista não pode se restringir apenas à materialidade empírica do discurso e nem tomar ideias abstratas, [...], mas tem que tratar os discursos como prática dos sujeitos, no seu fazer histórico-discursivo, buscando a posição do sujeito discursivo” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 44). Nesse sentido, “[...] a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (Orlandi, 2015, p. 61). É neste caminho que construímos as “etapas” que deram forma ao nosso dispositivo analítico.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso delimitamos o *corpus* entre os anos de 2020 e 2021, especialmente os dizeres que mencionaram “economia” e “pandemia” nos primeiros momentos da pandemia. As sequências discursivas são compostas pelas “declarações” do ex-presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia que foram divididas em dois blocos de análises, num total de seis Sequências Discursivas representativas (SD). Para a elaboração do *corpus* tomamos como palavras-chave no *link* de busca do “google” termos como: declaração de Bolsonaro sobre a “pandemia” e “economia” e retiramos as sequências discursivas dos “meios de comunicação” (*CNN Brasil, a Folha de São Paulo, UOL, e G1*) que expuseram falas de Jair Bolsonaro que correlacionavam economia e pandemia.

A análise se deu a partir da seleção dos recortes das Sequências Discursivas das falas do ex-presidente, identificando a posição sujeito do discurso, em qual formação discursiva ela se inscreve e as “marcas ideológicas” desse processo, demonstrando as estratégias e os mecanismos discursivos utilizados para significar, ou não significar, pandemia e economia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2019 ainda se sentiam os desdobramentos da crise do capital instaurada em 2008/2009, e o início de 2020 ainda não era consolidado como um momento de pandemia mundial (Marques *et al.*, 2021). Isso porque o “surto” viral ainda estava situado geograficamente na China. Posteriormente, as notícias sobre os casos da “doença” foram notificadas em outros países da Europa, com destaque para a Itália.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em fevereiro de 2020, onde se “informava” que se tratava de um homem de 61 anos, com histórico de viagens para Itália⁶. Nesse período, a Itália contava com um número crescente de mortes e uma situação de calamidade pública, ultrapassando a China em números de perdas humanas no início de março⁷. Com a disseminação do vírus em mais de 115 país, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, estado de pandemia:

‘A OMS tem tratado da disseminação [do Covid-19] em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação e, também, de *falta de ação [dos governos]*’, afirmou Adhanom no painel que trata das atualizações diárias sobre a doença. ‘Por essa razão, consideramos que o Covid-19 pode ser caracterizado como uma pandemia’, explicou durante a conferência de imprensa em Genebra (Agência Brasil, 2020, grifos nossos)⁸.

A declaração oficial da OMS, diante do quadro que se apresentava, funcionou como um ponto de clivagem que “chamava” para a responsabilização, em termos práticos, governos do mundo para que “atuassem” na prevenção e combate ao coronavírus, que por sua vez, já demonstrava ser uma questão de saúde pública mundial.

Na contramão das orientações da OMS, o governo brasileiro, à época liderado por Jair Bolsonaro, passou a minimizar a pandemia. E enquanto alguns países passavam pela “segunda onda” da Covid-19, o Brasil ainda começava a “sentir” os seus abalos. Até o final

⁶ Segue algumas matérias que foram divulgadas na época: Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em 14/01/2024; <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>. Acesso em 14/01/2024; <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>. Acesso em 14/01/2024; <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em 14/01/2024; <https://exame.com/brasil/contraprova-confirma-1o-caso-de-coronavirus-no-brasil-diz-fonte/>. Acesso em 14/01/2024.

⁷ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/numero-de-mortes-por-covid-19-na-italia-chega-3405-e-supera-china>. Acesso em 14/01/2024.

⁸ Ler na íntegra: Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 14/01/2024.

de março secretarias estaduais de saúde contabilizavam 5.812 infectados em todos os estados e 202 mortos⁹.

As informações sobre o avanço da covid-19 em território nacional passaram a ser noticiadas todos os dias em diversos meios de comunicação. À medida que o número de infectados e mortos aumentava, o governo de Jair Bolsonaro começava a ser pressionado no que tange a condução da pandemia no país. Nos primeiros meses, Bolsonaro realizava declarações “negacionistas” sobre a pandemia, culpabilizando a imprensa por “superestimar” a situação e por causar uma “histeria” coletiva.

Sendo assim, começaremos nossa análise a partir de sequências discursivas que marcaram o que chamamos de **1º Bloco** – referente às primeiras declarações de Jair Bolsonaro. Elegemos três Sequências Discursivas (SD) que foram destacadas e reproduzidas nos meios de comunicação em março de 2020:

SD1 - 15/03/2020 - Em 2009, 2010, teve crise semelhante, mas, aqui no Brasil, era o PT que estava no poder e, nos Estados Unidos, eram os Democratas, e a reação não foi nem sequer perto do que está acontecendo no mundo todo.¹⁰

SD2 - 15/03/2020 - Devemos tomar providências, **pode se tornar** uma questão bastante grave, a do vírus. Mas a **economia** tem que funcionar porque não podemos ter uma **onda de desemprego**.¹¹

SD3 - 15/03/2020 - O **desemprego** leva pessoas que já não se alimentam muito bem a se alimentar ainda pior. Assim, ficam mais sensíveis e, uma vez sendo infectadas, pode levar até a óbito.¹²

No primeiro quadro das SDs representativas notamos um **efeito de preocupação** nos enunciados de Jair Bolsonaro sobre a economia em detrimento da própria situação de pandemia no país. Através da retomada de já-ditos, busca-se amenizar o quadro pandêmico ao comparar a covid-19 as “gripes” suínas e H1N1 que aconteceram nos anos de 2009 e 2010.

É recuperado na SD1, para sustentar que a covid-19 não seria tão grave quanto as

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>. Acesso em 14/01/2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/gostaria-que-saissem-as-ruas-como-eu-respondo-bolsonaro-a-maia-e-alcolumbre/>. Acesso em 13/01/2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYJV4G5Oz1c>. Acesso em: 13/01/2023.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-desafia-maia-e-alcolumbre-e-ve-histeria-no-combate-ao-coronavirus.shtml>. Acesso em: 13/01/2024.

“outras gripes”, o contexto passado em que a presidência do Brasil era dos governos do PT e nos EUA eram os “democratas”, ou seja, usa-se deste fato para **concluir** que as “reações” sobre a pandemia estavam sendo tratadas de forma exagerada em seu governo, assim como no governo de Trump, mas que o “mesmo problema”, não teve o mesmo tratamento nos meios de comunicação quando eram os governos do PT, ou com os “democratas”.

No nível da enunciação a “gravidade” do problema epidemiológico nos anos de 2009 e 2010 seriam, em tese, equivalentes a covid-19 e neste raciocínio não seria o coronavírus tão grave assim, criando um **efeito de equivalência** entre eles. Sua “gravidade” era “culpa” da superestimação que a imprensa tratava o “vírus”, e não do “vírus” em si.

Ao mesmo tempo, na SD2, o discurso aponta para uma possível gravidade da covid-19, mas ainda no campo do possível. As condições de produção do discurso naquele momento sinalizam uma “**segunda onda**” da pandemia em alguns países no mundo e é através do interdiscurso que verificamos o movimento do sentido e a posição sujeito.

É no nível enunciativo que percebemos, pelo efeito metafórico, a posição sujeito do discurso em defesa da economia capitalista em detrimento da “questão” do “vírus”. Vejamos:

SD2 - 15/03/2020 –

(a)	(b)
Devemos tomar providências, pode se tornar uma questão bastante grave, a do vírus .	
(c)	(d)
Mas a economia tem que funcionar porque não podemos ter uma onda de desemprego .	

Mesmo diante de uma “segunda onda” da Covid-19 em alguns países do mundo, há, pelo silêncio, uma negação da gravidade sobre a pandemia: o sujeito do discurso silencia “pandemia” para dizer “vírus”. Não menciona “segunda onda da pandemia”, mas, pelo efeito metafórico, se desloca para outro sentido de “onda”, a do “desemprego”. Trata-se de uma tensão entre paráfrase e polissemia que significa “onda” de forma diferente e a situa em uma formação discursiva também diferente: onda>pandemia desliza para onda>desemprego.

Em (b) se diz X, para não dizer Y, ou em outros termos: se diz “vírus” para não se dizer “pandemia”. E em (d) se desloca o sentido de “onda” a partir do interdiscurso — do disponível na memória discursiva que enunciaram em outro momento, em outro lugar, em

outra formação discursiva que consolidou “onda” se referindo a pandemia, a exemplo das organizações de saúde no mundo — para outra formação discursiva e assim engendrar uma defesa da economia. Assim, a “onda” de desemprego seria mais grave que a “onda” pandêmica, pois, poderia, inclusive, ser a causa das mortes da covid-19, como veremos na SD3:

SD3 - 15/03/2020 –

(1ª premissa)

O **desemprego** leva pessoas que já **não se alimentam muito bem** a se alimentar ainda pior.

(2ª premissa)

(3ª premissa)

(Conclusão)

Assim, **ficam mais sensíveis** e, uma vez **sendo infectadas**, pode **levar até a óbito**.

É a partir de um **raciocínio aparentemente dedutivo**¹³ que se “conclui” que, o que levaria a óbito seria o desemprego, e não o “vírus”. O **efeito dedutivo** é marcado por premissas que seriam em tese verdadeiras: o desemprego leva as pessoas a não se alimentarem bem (uma verdade, pois sem “dinheiro” como as pessoas comeriam?)> ficam mais sensíveis (já que não se alimentam)> se forem infectadas podem morrer por ficarem mais sensíveis (mas lembramos que nem todas as pessoas vítimas da covid-19 eram pessoas “sensíveis”). Essas “premissas”, sendo elas aparentemente verdadeiras, geram conclusões dedutivas “verdadeiras”: a “conclusão” é que o desemprego leva a óbito e não a covid-19.

No raciocínio dedutivo a “conclusão [...] é compulsória (não comporta duas saídas) e, como tal, está contida inteira nas premissas. Se essas estiverem certas, a conclusão estará [em tese] igualmente certa. O risco está em que uma das premissas seja falsa” (Freire-Maia, 1990, p.39). É um silogismo clássico do raciocínio lógico, e Freire-Maia (1990) nos alerta: “[...] é bom lembrar, no entanto, que a dedução e a indução nos conduzem a uma certa probabilidade de veracidade, mas que nenhuma delas nos propicia a certeza absoluta” (Freire-Maia, 1990, p. 40).

Esse **efeito de verdade** criado a partir das premissas do **efeito dedutivo**, só são possíveis pois são recortadas de sua totalidade e esvaziadas de seu conteúdo reflexivo. Parte de generalizações simplistas para chegar a uma “verdade” particular. O que não é dito nessa “verdade” é que o desemprego, a informalidade, a precarização do trabalho e condições de

¹³ Para melhor compreensão sobre raciocínio indutivo e dedutivo: Cf. Freire-Maia (1990) em seu livro *A ciência por dentro*. Freire-Maia elabora uma discussão sobre os principais métodos de pesquisa a partir de uma discussão sobre o saber científico partindo da filosofia da ciência.

vida da população é um fato que precede, inclusive, a pandemia. Mas que se intensifica com ela, porque a classe trabalhadora, desprovida de direitos sociais, não poderia “se dar ao luxo” de seguir à risca as medidas de proteção.

Ricardo Antunes (2021), relata com precisão a situação da classe trabalhadora no Brasil e no mundo diante da tragédia na pandemia. O dilema entre ficar em casa e não ter como sobreviver, ou trabalhar e correr o risco de adoecer, foi uma realidade para muitos trabalhadores. A questão central é que a população mais pauperizada não teve o direito de “ficar em casa” porque as demandas do capital eram “maiores” do que elas, o capital é que não poderia parar.

Nos discursos do ex-presidente, se trabalha com “pedaços” dessa realidade, mas não se questiona o caráter espoliador do capital. A economia não pode parar porque ela é capitalista. Ela necessita da força de trabalho para gerar mais valor. Os discursos dito pelo ex-presidente enunciaram de forma aparente sobre a “sobrevivência” do trabalhador, mas apenas em “termos” econômicos, gerando um **efeito de verdade**, a partir dos **elementos de sustentação** de “fatos recortados da realidade”, a fim de “convencer” que o que se estava sendo dito era verdadeiro.

Há um **efeito de convencimento** de que era preciso continuar trabalhando, não importando as vidas que seriam perdidas, é nesse sentido que “sobrevivência”, neste discurso, não abarca “diretamente” a saúde da população, mas a “saúde” da economia. Se dizia X para não se dizer Y e assim o capital poderia sobreviver.

Eni Orlandi (2007b) nos esclarece que o silêncio constitutivo representa a política do silêncio (silenciamento) a partir da relação com o anti-implícito, “[...] se diz ‘x’ *para não (deixar) dizer ‘y’*, este sendo o sentido a se *descartar* do dito” (Orlandi, 2007b, p.73, grifos nossos). E nesta formação discursiva que se inscreve o discurso de Jair Bolsonaro, não se poderia dizer y, era necessário dizer x, ou seja, era uma escolha necessária do enunciador, uma tomada de posição ideológica no jogo discursivo.

Na metade de 2020 e início de 2021, dizeres sobre a necessidade do isolamento social ganharam terreno no Brasil surgindo a “campanha” “fique em casa”. Essa palavra de ordem foi materializada tanto em jornais, programas de tv, quanto por diversos movimentos sociais. Nesse período (entre setembro de 2020 a março de 2021), o número de mortes no

país passava dos 250 mil¹⁴. E mesmo diante deste fato, o discurso de Jair Bolsonaro continuava a minimizar a pandemia em defesa da “economia”. Vejamos o **2º bloco** das Sequências Discursivas representativas:

SD4 - 4/03/2021 - Atividade essencial é toda aquela necessária para um chefe de família **levar o pão para dentro de casa**.¹⁵

SD5 - 31/03/2021 - Tínhamos e temos dois inimigos, *o vírus* e o **desemprego**. É uma realidade. Não é ficando em casa que vamos solucionar este problema.¹⁶

SD6 - 31/03/2021 - Nós, **servidores públicos**, temos todo mês recursos depositados na conta, já os autônomos perderam quase tudo. As geladeiras estão vazias, muitas pessoas tiveram seus recursos reduzidos a zero e a fome está batendo cada vez mais forte na casa dessas pessoas. O auxílio emergencial é um alento, mas é pouco, reconheço. **Só temos um caminho, deixar a população trabalhar**. Se a pobreza continuar avançando não sabemos onde poderemos parar.¹⁷

Para criar um **efeito de convencimento** de que o isolamento social não seria a “solução” para o enfrentamento da pandemia, o discurso se movimenta e se desloca a partir de recortes da realidade que, em tese, legitimariam a argumentação. “Levar o pão para dentro de casa” é uma necessidade de todos os trabalhadores em diversas atividades, assim como o fenômeno do desemprego também é real. E é justamente o recorte desta realidade que **ressignifica a noção de “atividade essencial”**, sendo praticamente todas as atividades.

As condições de produção imediatas do discurso estavam voltadas para as discussões sobre a necessidade de paralisar as atividades “não essenciais” e a noção do que era ou não essas atividades foram constantemente revistas, ampliadas, flexibilizadas ou revogadas pelo governo Bolsonaro para ampliar as atividades laborais que deveriam estar em funcionamento. A ‘lista’ das atividades “essências” era atualizada e publicada no Diário Oficial da União (DOU)¹⁷.

¹⁴ Dados disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 14/01/2024.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/03/04/bolsonaro-chega-a-sao-simao-para-inauguracao-de-trecho-da-ferrovia-norte-sul.ghtml>. Acesso em: 13/01/2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/sem-mascara-bolsonaro-volta-a-dizer-que-nao-adianta-ficar-em-casa.shtml>. Acesso em: 13/01/2024.

¹⁷ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/03/31/bolsonaro-critica-lockdown-e-diz-que-governo-nao-consegue-pagar-auxilio-maior.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13/01/2024

Assim, “atividades essenciais” não teve o mesmo sentido para uma posição-sujeito que “defendia” o isolamento social e para o governo Bolsonaro. Isso acontece devido à própria “natureza” do discurso que se assenta em contradições, o sentido do discurso “[...] não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido *segundo as posições* daqueles que as empregam” (Orlandi, 2015, p. 40, grifos nossos).

Na SD5 percebemos um deslocamento do sentido em relação a pandemia e ao desemprego: agora se coloca o “vírus” tão grave quanto o “desemprego” e não um contra o outro, mas esse “deslocamento”, a partir de um **efeito de equivalência**, sustenta que a solução para os “dois inimigos” (o vírus e o desemprego) não seria o isolamento social, mas trabalhar. Ou seja, a posição-sujeito não se desloca, mas se mantém.

Os elementos de sustentação, que derivaram de recortes da realidade, mas que silenciou outros dizeres reflexivos, dá a tônica conclusiva para a “**solução**” do “problema” do “vírus” e do “desemprego”: “deixar a população trabalhar”. Em primeiro lugar, em todo percurso discursivo das SDs representativas que elegemos, se desloca, inclusive, a noção do que é o problema: de “vírus” para “desemprego”, sendo ele um problema “econômico”. Logo, a “solução” para o “problema”, nesses termos, seria *não ficar em casa, mas trabalhar*. Na SD6 há novos elementos de “convencimento” para conformar essa “solução”, vejamos:

SD6 - 31/03/2021 -

Nós, **servidores públicos**, temos todo mês recursos depositados na conta, já os **autônomos** perderam quase tudo. As geladeiras estão vazias, muitas pessoas tiveram seus recursos reduzidos a zero e a fome está batendo cada vez mais forte na casa dessas pessoas. O auxílio emergencial é um alento, mas é pouco, reconheço. **Só temos um caminho, deixar a população trabalhar**. Se a pobreza continuar avançando não sabemos onde poderemos parar.

Em SD6 o **efeito de convencimento** agora é evocado a partir de contradições no interior da própria classe trabalhadora. Cria-se, inicialmente, um efeito de equivalência entre o Estado e Servidores Públicos. Primeiro se iguala o sujeito “presidente” e servidores públicos, como se “o ser presidente” fosse, ao mesmo tempo, “ser servidor público”, para assim enunciar os “recortes” das realidades que diferenciam os trabalhadores do setor público e trabalhadores autônomos, elaborando-se, por fim, a conclusão resolutiva do “problema”.

O recorte de realidades entre os trabalhadores do serviço público e autônomos é

utilizado como elementos/premissas de convencimento. E o **efeito de verdade** é criado a partir desses recortes. Mais uma vez há um raciocínio dedutivo simplista para que se chegue a conclusões compulsórias (ou seja, que se admite apenas uma saída). Vejamos:

As premissas:

- 1 - Servidores públicos tem todo mês recursos depositados na conta.
- 2 - Autônomos perderam quase tudo: geladeiras estão vazias, recursos reduzidos a zero e a fome está batendo cada vez mais forte.
- 3 - O auxílio emergencial é um alento, mas é pouco.
- 4 - Se a pobreza continuar avançando não sabemos onde poderemos parar.

A conclusão: **Só temos um caminho, deixar a população trabalhar.**

Para que o efeito de convencimento funcione, se faz funcionar também o silêncio a partir do dito nas “premissas”, que por sua vez, são, em tese, verdadeiras. E sendo as premissas “verdadeiras”, a conclusão também seria. O que não é dito é justamente que as “diferenças” entre os trabalhadores são “produtos” das contradições próprias do modo de produção capitalista. Foi justamente a população desprovida de direitos sociais que mais sofreu durante a pandemia, e esses direitos foram paulatinamente sendo retirados dos trabalhadores ao longo dos anos. E, mesmo que se quisesse “ficar em casa” para se proteger do “vírus”, grande parte da população brasileira não teria condições objetivas para isso.

O discurso do ex-presidente possui um pragmatismo particularista que é clássico da ideologia de direita. Leandro Konder (2009), nos esclarece que há

[...] um certo pragmatismo [...] em todas as expressões qualificadas da direita. Mas a ideologia da direita encerra uma contradição interna [...] em busca da universalidade torna a ideologia da direita menos funcional, danifica a solidez das suas articulações pragmáticas, inevitavelmente particularistas (Konder, 2009, p.28).

A necessidade em manter as atividades econômicas funcionando diante de um cenário de tragédia social durante a pandemia é de um pragmatismo tamanho para os “interesses” econômicos e não para os trabalhadores. Nesse sentido, não seria possível universalizar e unificar esses interesses que são em sua essência contraditórios. Por sua vez, as premissas discursivas se tornavam particulares diante da realidade pandêmica.

Ficar em casa deveria ser de interesse de toda população, em especial dos trabalhadores, mas o capital não poderia parar e todos os desdobramentos econômicos da

paralisação das atividades causariam um desequilíbrio no sociometabolismo do capital. Ao tentar universalizar o particular, ou seja, tratar os interesses econômicos como interesses de todos, a partir de recortes da realidade dos trabalhadores, o discurso de Bolsonaro criou efeitos de verdades que pareciam falar da “realidade” dos(as) trabalhadores(as), mas, de fato, se inscreveu numa **formação ideológica dominante** de direita em defesa do capital, e em contradição direta aos interesses dos(as) trabalhadores(as) que vivenciaram os momentos de horror durante a pandemia, ou que morreram ao serem contaminados em seus postos de trabalho. Essa tentativa de universalizar e “unificar” o discurso silenciou outros sentidos. Orlandi (2007b), nos elucida que:

Por aí se *apagam os sentidos que se quer evitar*, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (Orlandi, 2007b, p, 73-74, grifos nossos).

Os dizeres aqui selecionados demonstraram que o **efeito de verdade** é do ponto de vista do capital. A tomada de posição ideológica pela economia em detrimento dos trabalhadores demonstra o caráter de classe e da contradição inerente do capital: **os interesses dos trabalhadores não são os interesses do capital**. Esses interesses foram reproduzidos nos discursos de Bolsonaro dentro de uma formação discursiva dominante de caráter ideológico de direita que se conformou a partir do silêncio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso percurso analítico, os dois blocos das Sequências Discursivas Representativas do discurso de Jair Bolsonaro durante a pandemia, desvelaram o caminho dos sentidos para uma formação discursiva e ideológica dominante clássica da direita, em defesa da economia e do capital em detrimento dos trabalhadores.

O primeiro bloco das Sequências Discursivas enunciados nos primeiros momentos da pandemia, caracterizou uma negação da situação pandêmica colocando o “vírus” em contraponto ao “desemprego”, não significando assim “pandemia”. O segundo bloco de análise, tendo como condições de produção a intensificação da pandemia e com ela a intensificação dos problemas sociais, apontaram o “vírus” e o “desemprego” aparentemente igualmente “preocupante” devido ao número de mortes pela covid-19 que já passava de 250 mil no país. Ainda assim, o sujeito discursivo não se desloca.

O que “unificou” os “blocos” das SDs em uma **única** formação discursiva e ideológica foi justamente o deslocamento da noção do que era o “problema” e a “solução”: não era o vírus o “problema”, mas o desemprego; e a solução não era o isolamento social, mas “deixar a população trabalhar”. Esse discurso funcionou silenciando outros dizeres a partir do dito, acionando a memória discursiva e ressignificando sentidos como os de “atividade essencial”, “sobrevivência” e “onda”, através de elementos de sustentação discursiva como os recortes de realidades que foram particularizadas e esvaziadas de seu conteúdo reflexivo para criar um efeito de convencimento e de verdade da negação da pandemia e da “importância” da economia capitalista, sendo o desemprego, e não o vírus, tido como o verdadeiro problema.

É através de um raciocínio dedutivo de que as premissas, ou elementos de sustentação do discurso, seriam em sua totalidade reais, que se chega à conclusão de que a solução era não ficar em casa, mas trabalhar. Sendo essa formação discursiva “possível” de se materializar, pois se assenta na formação social regida pelo capital e suas contradições internas, enquanto suas condições de produção imediatas se encontraram diante da intensificação dos problemas sociais — precarização do trabalho, desemprego e informalidade que já eram “frutos” das próprias contradições do capital. Em nossa análise a ideologia, enquanto função social, teve um papel de “convencimento” a partir desses “recortes” que foram tomados como universais.

Por seu caráter pragmático em defesa do capital, os discursos de Jair Bolsonaro se

inscreveram em uma formação discursiva dominante e de direita. E é no nível da enunciação que percebemos esses movimentos metaforizados pelos efeitos de “equivalência”, “dedutivo”, de “convencimento” e de “verdade” a partir de elementos/premissas como o desemprego, as diferenças no mundo do trabalho, a fome etc., se dizendo isto, para não se dizer diretamente em defesa do capital, com um efeito de aparente “preocupação” com os trabalhadores, mas em contradição ao cenário de 250 mil vidas perdidas durante a pandemia.

Assim percebemos como “a ideologia constitui, então, o sujeito e os sentidos, em sua função de estabelecimento da relação necessária entre o linguístico e social” (Florêncio *et al.*, 216, p.70), desvelando a posição-sujeito do discurso numa determinada formação discursiva e não outra. E como a Análise do Discurso que nos filiamos é também um ato político e entende que o sujeito historicamente determinado tem a possibilidade de contrair as determinações, não poderíamos deixar de manifestar nossa reflexão sobre o momento histórico que vivemos, não poderíamos deixar de falar de uma outra formação discursiva ideológica da qual nos inscrevemos. E por isso, nossas análises levantam também um contraponto, fala de outro lugar, o lugar subversivo e não dominante.

É pensando sobre esse efeito de sentido do futuro que concluimos esse Trabalho de Conclusão de Curso e de como cada vez mais a situação dos(as) trabalhadores(as) é secundarizada para que o capital sobreviva e não nós. Sendo assim, que possamos refletir sobre que mundo queremos viver e que mundo deixaremos para os que virão. Que possamos pensar, também, em memória dos que se foram. E que não permitamos que esta memória também se vá. Pois é preciso que resistamos a morte da morte em solidariedade às vidas que perdemos durante a pandemia e que não permitamos, através também do nosso fazer discursivo, que a impunidade nos silencie.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo Pandêmico**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos de estado. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7638359/mod_resource/content/1/ALTHUSSER_Ideologia%20e%20aparelhos%20ideologicos%20do%20estado.pdf.

BOLSONARO critica lockdown e diz que governo não consegue pagar auxílio maior. UOL. Economia. 31 mar. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/03/31/bolsonaro-critica-lockdown-e-diz-que-governo-nao-consegue-pagar-auxilio-maior.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13/01/2024

BOLSONARO desafia Maia e Alcolumbre e vê histeria no combate ao coronavírus. Jornal Folha de São Paulo. Saúde - Coronavírus. 15 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-desafia-maia-e-alcolumbre-e-ve-histeria-no-combate-ao-coronavirus.shtml>. Acesso em: 13/01/2024.

'CHEGA de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?', diz Bolsonaro ao criticar medidas de restrição em meio a recorde de mortes por Covid-19. G1, Goiás, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/03/04/bolsonaro-chega-a-sao-simao-para-inauguracao-de-trecho-da-ferrovia-norte-sul.ghtml>. Acesso em: 13/01/2024.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CORONAVÍRUS — o novo risco da China. Revista Editorial Exame, 30 de Jan. 2020. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/o-novo-risco-da-china/>. Acesso em: 12/01/2024.

COVID: 1º caso em Wuhan foi de vendedora de mercado de animais, diz estudo. UOL, 19 de nov. 2021. Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/rfi/2021/11/19/covid-1-caso-em-wuhan-foi-de-vendedora-de-mercado-de-animais-diz-estudo.htm>. Acesso em: 12/01/2024.

EXCLUSIVO - Jair Bolsonaro sobre as manifestações do dia 15 de março. CNN Brasil (youtube), 15 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYJV4G5Oz1c>. Acesso em: 13/01/2023.

FLORENCIO, Ana Maria Gama, et al. **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. 1ª ed. 2ª reimpressão. Maceió: Edufal, 2016.

FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro**. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. E-book: Disponível em: <https://doceru.com/doc/xn8vncv>. pdf. Acesso em: 13/01/2024.

'GOSTARIA que saíssem às ruas como eu', responde Bolsonaro a Maia e Alcolumbre. CNN Brasil, São Paulo, 15 mar. 2020 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/gostaria-que-saissem-as-ruas-como-eu-responde>

[bolsonaro-a-maia-e-alcolumbre/](#). Acesso em: 13/01/2024.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 12/01/2024;

KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4ª ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LUKÁCS, Georg. **Para a Ontologia do Ser Social**. Vol 14. 1ª ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes Editora, 2017.

MARQUES, Rosa Maria, et al. **Pandemias, crises e capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política: Introdução**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus. Agência Brasil. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 14/01/2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimento**. 12ª ed. Campinas: Pontes editora, 2015.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 6º ed. Campinas: editora unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas: Pontes editora, 2020.

ORLANDI, Eni. **O que é linguística**. 1ª ed. 17ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2007a.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEM máscara, Bolsonaro volta a dizer que não adianta ficar em casa. Folha de São Paulo.

Saúde - Coronavírus. 31 marc. 2021. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/03/sem-mascara-bolsonaro-volta-a-dizer-que-nao-adianta-ficar-em-casa.shtml>. Acesso em: 13/01/2024.